



COMUNIDADE QUILOMBOLA VOLTA GRANDE

ACAIACA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras (Comunidade)

Maria Fabiana da Costa, Joseane de Oliveira da Costa, Sebastiana Conceição Costa Tomaz, Maria Cristina de Oliveira Matos.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

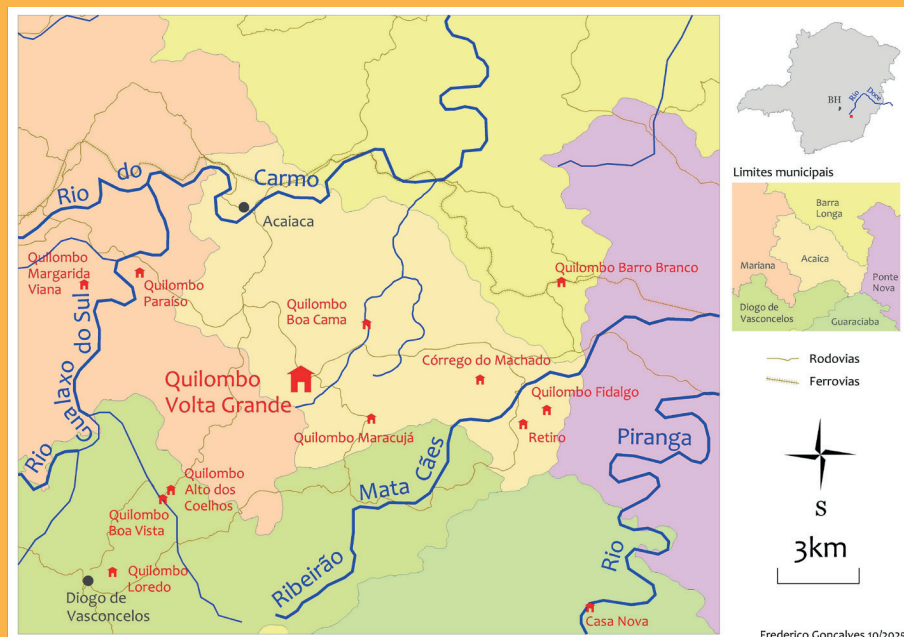
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA VOLTA GRANDE

ACAIAÇA - MG

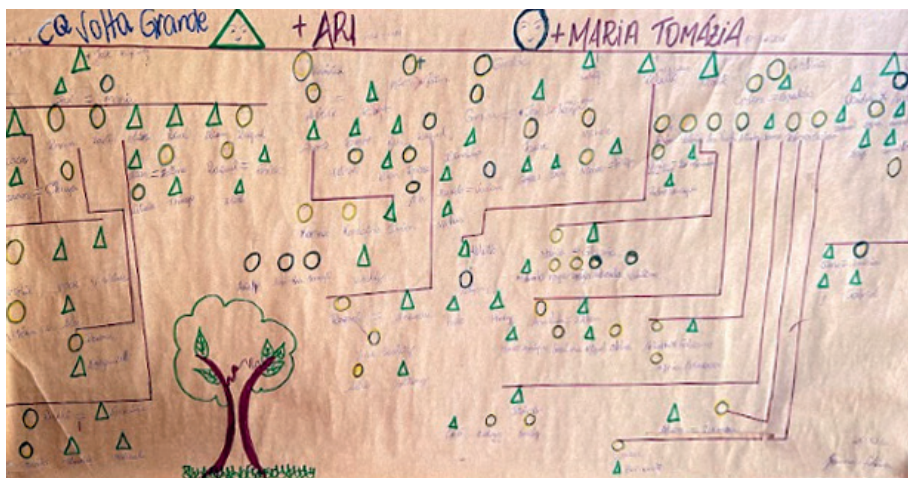
Localização da Comunidade

A comunidade de Volta Grande está situada a 7 km da sede do município de Acaiaca, na Zona da Mata. Ela tem suas raízes na união dos moradores Cristiolina Eugênia Barbosa e Manoel Gonçalves do Amarante, reconhecidos como os fundadores da comunidade, que atualmente é composta por 20 famílias.



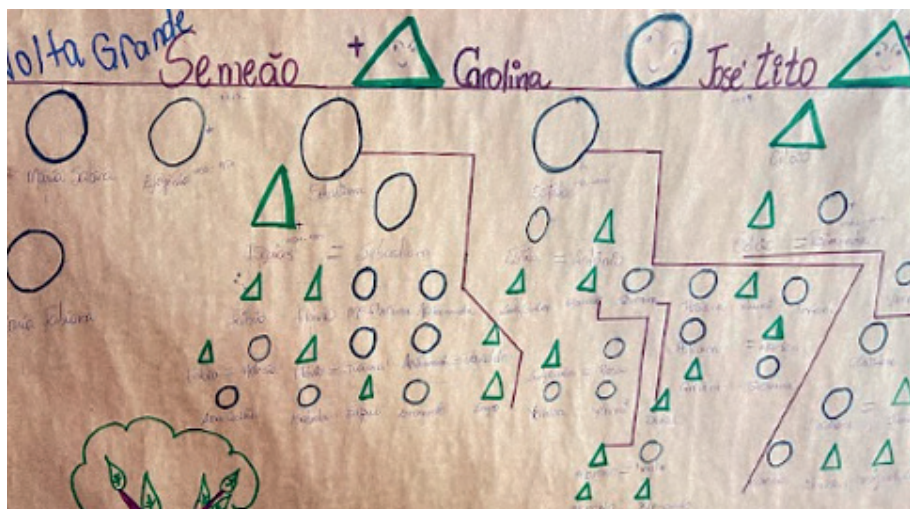
História

As primeiras famílias e pessoas de Volta Grande vieram de um povoado localizado no setor chamado Venda Nova, na comunidade de Boa Cama, e são lembradas como referência por suas histórias de vida e pelo papel que desempenharam na formação da comunidade. Entre elas está Maria Tomázia de Aquino, conhecida como Bilia, que nasceu em 1933 e faleceu em 2018, aos 85 anos. Filha de Manoel Gonçalves e Cristiolina Barbosa, considerados os primeiros moradores da comunidade, Bilia se casou em 1950 e dedicou sua vida ao trabalho em casa e também na lavoura ao redor de sua residência, contribuindo para o sustento da família e da comunidade.



■ Árvore genealógica de Maria Tomázia de Aquino

Outra personalidade de grande importância é Carolina Eugênia da Cunha, filha também de Manoel e Cristiolina, conhecida como Dindinha. Nascida em 1931, ela se casou pela primeira vez em 1953 e novamente em 1970. Assim como sua irmã, trabalhou em casa e na lavoura. Dindinha faleceu em 14 de junho de 2025.



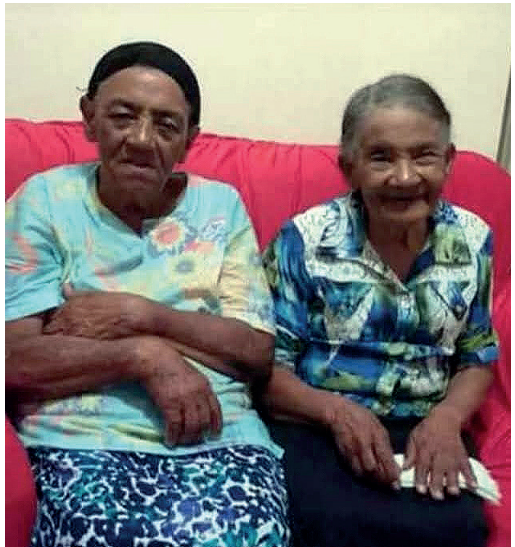
■ Árvore genealógica de Carolina Eugênia da Cunha

A casa mais antiga pertencia às irmãs Carolina e Maria Tomázia. Ela foi construída de madeira e pau a pique e possuía dois andares. Na parte de baixo, havia um paiol muito bem fechado, com uma chave de madeira, onde eram armazenados os mantimentos; em outro espaço, eram guardadas as selas dos cavalos e a canga dos bois. O forro era feito de tábuas maciças e os esteios de braúna preta, tudo extraído e preparado no próprio local da construção, assim como as portas, feitas de tábuas corridas, e as telhas de barro. A casa contava com seis cômodos e tinha uma varanda que, com o passar do tempo, acabou caindo, juntamente com a escada.

Além das irmãs, outras pessoas são muito lembradas, como Maria do Carmo Gonçalves, conhecida como Duca. Ela nasceu no setor de Venda Nova, na comunidade de Boa Cama, em 16/07/1923 e faleceu no dia 31/05/2004. Com a morte de seus pais, foi morar com seus avós na comunidade de Volta Grande. Outra pessoa lembrada é João de Paula Tomaz, conhecido como João Eduardo, que nasceu em julho de 1923 e faleceu em meados de 2010.



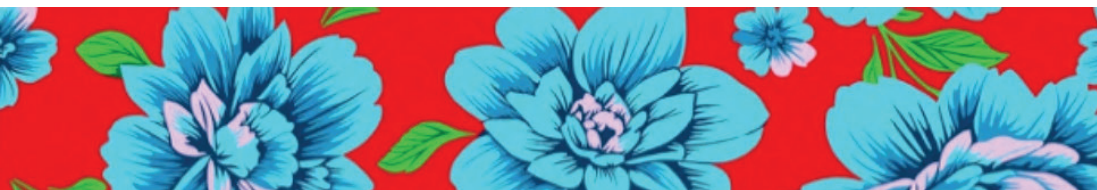
■ Maria do Carmo Gonçalves



■ Maria Tomazia de Aquino e
Carolina Eugênia da Cunha.

De acordo com relatos, a vida no passado era simples e baseada na agricultura familiar e nas atividades de lavar as roupas, além da criação de alguns animais, o que garantiu a sobrevivência dos primeiros moradores.

A balança com pesos era muito usada, na época, para pesar café, cultivado na lavoura, e legumes, plantados em casa. Inhame, batata, mandioca, feijão, arroz etc, tudo era pesado. Tinha também a quarta que era uma vasilha quadrada, com alças em ambos os lados, que media mercadorias, mas até 15 quilos, equivalente a uma lata de 18 litros, ou seja, para totalizar um saco de mercadoria de 60 quilos, usava quatro medidas desta quarta. Naquela época, não era lata de óleo de cozinha e, sim de querosene (marca Jacaré), pois as pessoas utilizavam gordura de porco para o consumo.





■ Balança com pesos

O milho era moído no moinho de pedra, onde o fubá mais grosso cai embaixo; o médio, no meio; e o fininho ficava por cima. Para o fuba dar liga, tinha que pegar esses três processos e misturar.



■ Pedra do Moinho

A origem das terras é registrada como herança, o que demonstra um forte vínculo com o território desde as gerações passadas.

É importante lembrar que as primeiras formas de educação ocorriam de maneira informal, nos porões das casas dos próprios moradores.

A tradição religiosa era marcante na comunidade, com a participação em festas e jubileus regionais, como o Jubileu no município de Congonhas, e festas religiosas no distrito de Furquim, no município de Mariana, como a Festa de Nossa Senhora do Carmo, a Festa de Bom Jesus e a Festa do Divino Espírito Santo.



- A noiva Vilma Maria da Cunha Gonçalves saindo da sua casa para seu casamento, em 21 de julho de 1990.

O nome Volta Grande surgiu com a construção da BR MG 262, que liga as cidades de Mariana e Ponte Nova. A estrada faz uma curva bastante acentuada e, por isso, as pessoas começaram a dizer que era preciso dar uma “volta muito grande”

para chegar à comunidade. Antes disso, o lugar era conhecido como Tomaz, em referência ao sobrenome dos primeiros moradores.

Por volta da década de 1960, foi aberta a estrada atual, deixando a antiga desativada. Esse fato aconteceu cerca de três anos antes da emancipação do município de Acaiaca, que teve como primeiro prefeito José Elias Martins, em 1963.

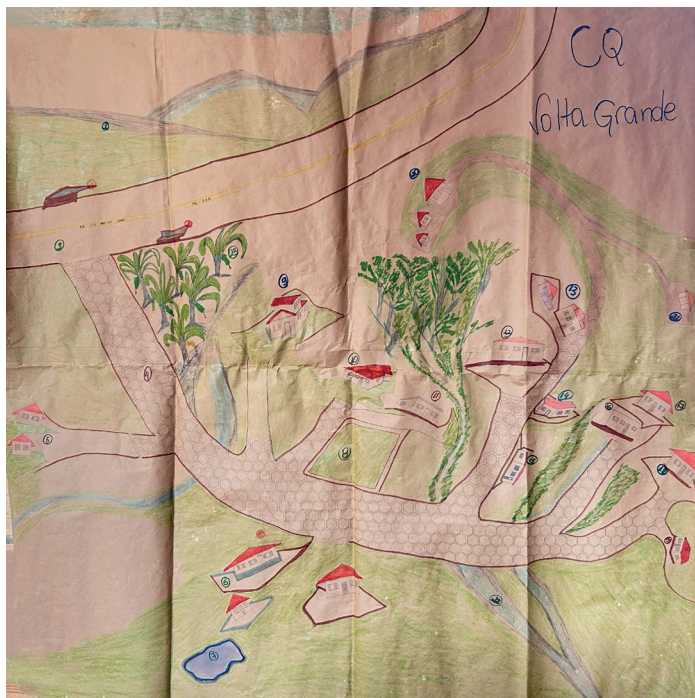
Território

A comunidade de Volta Grande é rural, formada por ruas de chão batido e bloquetes, e as casas se encontram próximas umas das outras. Não possui comércio, sendo necessário ir até localidades vizinhas, como Ponte Nova, Acaiaca ou Mariana, para fazer compras. No local, está sendo construída uma igreja em homenagem a São Sebastião, padroeiro da comunidade, obra realizada com recursos dos dizimistas e mão de obra dos próprios moradores. Também está em andamento a estruturação do Cantinho São Sebastião, que contará com uma sala e um pátio para as festividades.

Os lugares de plantação e extração de frutas, plantas ou matérias-primas são os próprios quintais da comunidade. A água utilizada vem de um poço artesiano que atende a todos; quando falta, cada casa conta com um poço particular, acionado por uma bomba sapo.

Antigamente, havia muitas árvores em Volta Grande, mas, com o tempo, parte delas foi desmatada para a construção de casas. A comunidade utiliza os brejos para plantar arroz e inhame (chinês e rosa). No passado, também se cultivava café, laranja, cana e feijão nas terras firmes.

O cuidado com a natureza é feito através da coleta de lenhas secas, sem cortar as árvores verdes, preservando as plantas nativas e as nascentes. Além disso, os moradores evitam queimadas e aproveitam ao máximo o que a natureza oferece.



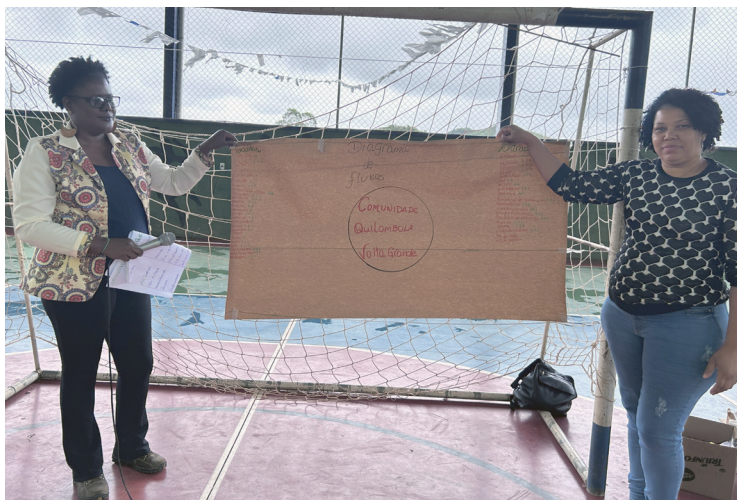
- Mapa simbólico do território da comunidade de Volta Grande, atividade realizada no Projeto Raízes do Futuro.

Economia e Sociedade

O fluxo econômico de Volta Grande se organiza a partir do que é produzido localmente e do que precisa ser adquirido fora. A comunidade consegue produzir e comercializar para as localidades vizinhas uma variedade de hortaliças, como couve, alface e almeirão, além de frutas como banana, graviola, abacate, limões taiti e rosa, acerola, jabuticaba, manga, laranja e mamão. Também fazem parte da produção o milho verde e diversos legumes, mandioca, inhame, taioba e chuchu. Além dos alimentos, há ainda a produção de doces caseiros, sabão e a oferta de mão de obra.

Por outro lado, a comunidade precisa comprar fora, principalmente nos municípios de Acaiaca ou Mariana, produtos

que não produz, como arroz, açúcar, feijão, óleo, diferentes tipos de farinhas, sal, milho, macarrão e carnes. Também são adquiridos, nesses municípios, materiais de construção, combustível, medicamentos, ração para animais, produtos de limpeza, roupas, móveis e eletrodomésticos, pó de café e gás de cozinha, que são itens necessários para o dia a dia e que não são produzidos na própria comunidade.



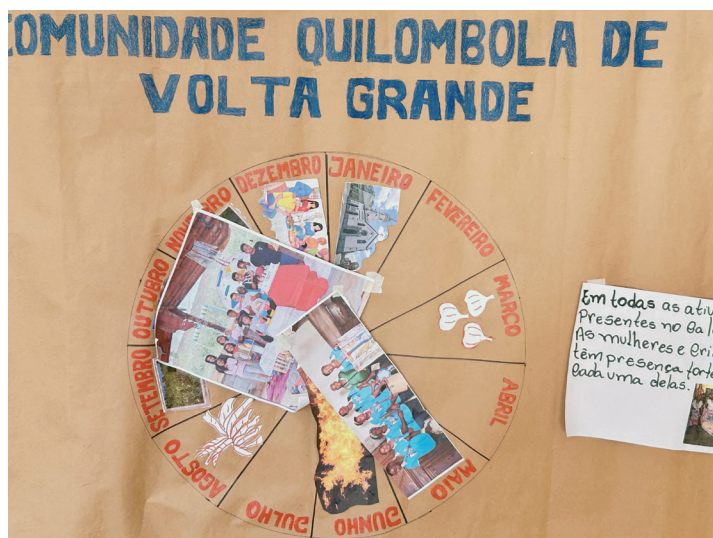
■ Apresentação da atividade de Diagrama de Fluxo realizada no Projeto Raízes do Futuro.

A comunidade, no momento, enfrenta o êxodo rural, pois a mão de obra é pouca e muitas pessoas trabalham fora, em serviços como lavoura, casa de família, mineradora, lojas, sindicatos rurais e fazendas. Esses trabalhos ocorrem principalmente no município de Mariana. Nos finais de semana, alguns vêm a passeio.

Ao longo dos anos, houve significativas melhorias no local, como energia elétrica, troca de transformador, água encanada - que deve ser usada com consciência - e calçamento nas estradas. A energia elétrica chegou por volta de 1992, a água encanada em 2007. O calçamento, por volta de 2006, foi feito

pelos próprios moradores. Nos meados de 2022, na gestão do prefeito Luís Carlos Faustino, foram colocados mais bloquetes no calçamento, porém falta, até hoje, a conclusão da obra. Com essas melhorias, apesar das saídas, o número de moradores vem aumentando.

Atualmente, os jovens da comunidade estudam nas escolas municipais e estaduais na cidade de Acaiaca e também na EFA – Escola Família Agrícola – Paulo Freire, situada na comunidade de Boa Cama.



■ Calendário Sazonal da Comunidade Quilombola Volta Grande

Volta Grande é marcada por celebrações e trabalhos organizados durante o ano. Em janeiro, acontece a festa do padroeiro São Sebastião. Entre os meses de março a maio, ocorre a plantação de alho e hortaliças, e, em maio, também acontece o Encontro de Folias de Reis. Em junho, é realizado o Arraial da Paz. No mês de agosto, acontece a plantação de mandioca e quiabo. Já entre setembro e novembro, são plantados o milho e o feijão. No mês de dezembro, as famílias se reúnem para celebrar o Natal e participam da novena realizada nas casas.

As principais expectativas da comunidade estão voltadas para a construção da igreja em homenagem a São Sebastião, padroeiro local. A obra está sendo realizada com recursos próprios e com a colaboração da mão de obra da própria comunidade. Paralelamente, está sendo estruturado o Cantinho São Sebastião e Santa Cruz, que, além de ser a sede do grupo Folia de Reis, contará com uma sala e um pátio destinados às festividades tradicionais. Há também a expectativa de construir, nesse mesmo espaço, uma cozinha para atender melhor aos eventos. Tanto a conclusão dessas obras quanto os ajustes no transformador e na distribuição de energia representam hoje os maiores desejos da comunidade.



■ Grupo Folia de Reis Sagrada Família de Volta Grande.



■ Apresentação Folia de Reis Sagrada Família de Volta Grande no Seminário Regional do Raízes do Futuro.

Além disso, a comunidade tem se mobilizado para discutir melhorias locais e para fortalecer sua organização. Entre as pautas, destaca-se a discussão de autodefinição como comunidade quilombola, um passo importante para o reconhecimento da história, da ancestralidade e dos direitos do grupo. Essas conversas também envolvem temas como valorização cultural e acesso a políticas públicas, reafirmando a identidade coletiva e o compromisso com a continuidade das lutas históricas. ■



- Moradores da comunidade Volta Grande reunidos para a assembleia de autorreconhecimento como quilombola, setembro de 2025.

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

